

METROPOLITANA

TEMPORADA
2020 | 2021

Nuno Inácio Flauta
Pedro Amaral Maestro

Obras de
Beethoven
Sérgio Azevedo
Mendelssohn

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

GIOCHI DI UCCELLI

SEXTA 11 SETEMBRO - 21H30
CINETEATRO CURVO SEMEDO, MONTEMOR-O-NOVO

CO-PRODUÇÃO



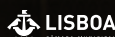
o espaço do tempo
convento da sausalção | Montemor-o-Novo

O Espaço do Tempo é uma estrutura financiada pela República Portuguesa/Ministério da Cultura/DGARTES



MONTEMOR | O | NOVO

FUNDADORES



PATROCINADOR PRINCIPAL



PATROCINADORES



GIOCHI DI UCELLI

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Abertura Coriolano, Op. 62 (1807)

(duração aproximada: 8 min.)

Sérgio Azevedo (n. 1968)

Giochi di Uccelli, Concerto para Flauta e Orquestra (2016)

(duração aproximada: 20 min.)

I. *Prestissimo fantastico*

II. *Ciaccona notturna*

III. ... *Quasi una tarantela, molto ritmico (attaca)*

IV. *Passacaglia - mesto (attaca)*

V. *San Francisco predica agli uccelli - Cadenza - Finale prestissimo*

Intervalo

Felix Mendelssohn (1809-1847)

Sinfonia N.º 3, Op. 56, em Lá Menor, *Escocesa* (1842)

(duração aproximada: 40 min.)

I. *Andante con moto - Allegro un poco agitato - Andante come prima -*

II. *Vivace non troppo -*

III. *Adagio -*

IV. *Allegro vivacissimo - Allegro maestoso assai*

«Volumnia implora a Coriolano» / Pintura de Richard Westall / 1800 / Folger Shakespeare Library Digital Image Collection / Creative Commons



A ABERTURA CORIOLANO

A *Abertura Coriolano* é uma peça orquestral com cerca de oito minutos, o que contrasta com a dimensão colossal das sinfonias que Beethoven compôs naqueles anos. Foi estreada em Viena num concerto por subscrição, em março de 1807. De uma assentada, abria caminho a dois formatos que perduraram no panorama musical oitocentista: a abertura de concerto e o poema sinfónico.

Na primeira de todas as fontes, as *Vidas paralelas* de Plutarco, lê-se que Caius Marcius, um patrício romano de grande coragem e força física passou a chamar-se Coriolanus após a vitória contra os volscos no século V A.C., na antiga cidade de Corioli. Renegado depois pelo seu povo, juntou-se com espírito de vingança ao inimigo para

lutar pela conquista de Roma. Fraquejou, porém, diante da eminente devastação da cidade onde ainda vivia sua mãe. Depois de a escutar, «levantou-a, apertou fortemente a sua mão direita e disse: “Ganhaste! Esta é uma vitória afortunada para a pátria, mas fatal para mim, pois só por ti me vou daqui derrotado.”» Salvando Roma, aquela mãe sentenciou o filho à morte.

No início do século XVII, William Shakespeare recuperou a história numa sua tragédia e, passados mais dois séculos, uma peça teatral de Heinrich Joseph von Collin inspirada no mesmo enredo era representada com grande frequência nos teatros da cidade de Viena. Foi nessa altura que Beethoven compôs a sua *Abertura Coriolano*, muito embora nunca a tenha pensado como música cénica. Trata-se aqui, portanto, de uma peça exclusivamente instrumental, mas que está associada a

uma narrativa. Por isso, é praticamente inevitavelmente nela buscar uma ilustração (ainda que vaga) daquela sequência de eventos, assim como a energia e as emoções das personagens. Os acordes iniciais espelham bem a dimensão trágica da figura do herói. Mas permanecerão sempre dúvidas sobre o que Beethoven nos quis «dizer». A personalidade do músico caracterizava-se pela irreverência, pelo voluntarismo abnegado, pela determinação artística e por uma assumida paixão decorrente de compromissos ideológicos. Terão sido estas qualidades que o músico alemão reconheceu na figura do general romano. Poderá ter-se identificado com o drama de um líder exilado que se insurgiu contra o seu povo e terminou por morrer nas teias de um dilema, na busca de uma reconciliação.

Pássaros em redor de uma árvore | Fonte: PxHere



GIOCHI DI UCCELLI

«**Giochi di Uccelli**» traduz-se como «**Jogos de Pássaros**» e é título do **Concerto para Flauta e Orquestra de Sérgio Azevedo que a Orquestra Metropolitana de Lisboa, o maestro Pedro Neves e o flautista Nuno Inácio estrearam em maio de 2017. A primeira sugestão aponta de imediato a expectativa de reconhecermos na entoação da flauta o característico canto das aves. Isso acontece, nalguns instantes. Porém, como o compositor explica no texto de apresentação da obra, é sobretudo pretexto para diferentes voos criativos. Destaca ainda duas dedicatórias nesta sua partitura: Nuno Inácio, 1.º Flautista da OML, e Carlos de Pontes Leça, o programador musical e musicólogo falecido em 2016.**

Texto de apresentação da obra «Giochi di Uccelli» assinado pelo compositor Sérgio Azevedo

«Giochi di Uccelli» - Concerto para Flauta e Orquestra foi escrito em 2016. Intitulado, em italiano, «Jogos de Pássaros», os andamentos oferecem

uma alternância rápido-lento e os dois andamentos lentos são estruturados de forma obsessiva: «Ciaccona Notturna» e «Passacaglia - mesto». Estas formas permitem uma grande concentração expressiva, uma vez que o material de base é constantemente reiterado no discurso, como que se de uma grande árvore se tratasse (o tema de base), uma árvore que é rodeada por pássaros que esvoaçam à sua volta (as volúveis figurações que rodeiam o tema).

Esta descrição traz-me naturalmente a referir o porquê do título e as implicações que o mesmo tem na música. A ideia da flauta como tradutora, pela agilidade e sonoridade aguda, dos pássaros, é antiga, mas nesta obra, não quis imitar deliberadamente o canto dos pássaros (exceto na cadência da orquestra no início do 5.º andamento). Quis antes criar algumas metáforas musicais, como a da árvore antes referida. O movimento de conjunto de bandos de pássaros e da sua «dança» aérea coordenada também me deu algumas ideias, mas, repito, todas elas se traduziram quase sempre em estruturas musicais abstratas e não em imitações deliberadas desses fenómenos.

A cadência orquestral, com que se

inicia o 5.º andamento é, por isso, um momento excepcional. Aí, cada instrumento de sopro das madeiras, e algumas cordas solistas, se transformam em diferentes pássaros, criando uma textura quase improvisada que precede a cadência para a flauta solo. O sermão de São Francisco aos pássaros veio-me imediatamente à memória, ao criar essa secção. Também o cântico dos pássaros, reagindo ao início do dia numa grande árvore à frente da minha casa contribuiu para essa atmosfera quase mística, e pela mesma razão cito no início dessa secção os pássaros do início de «Lever du Jour», do bailado «Daphnis et Chloé» de Ravel.

Dedico esta obra ao Nuno Inácio e também à memória de Carlos de Pontes Leça, cuja morte nos surpreendeu a todos estava o concerto ainda numa fase inicial. Foi, aliás, depois de saber essa triste notícia, que resolvi alterar o plano inicial da obra e escrever uma secção dedicada a São Francisco, certo de que o Carlos a teria apreciado. Lamento que já não a vá poder ouvir, pelo menos nesta terra.

A SINFONIA ESCOCESA

A Sinfonia N.º 3 de Mendelssohn é conhecida como *Escocesa* porque teve origem numa viagem de Mendelssohn àquele país, quando tinha apenas vinte anos de idade. Não se espere, porém, reconhecer o som das gaitas de foles ou da música tradicional das Highlands. Na vez de melodias rústicas, como acontece na *Sinfonia Italiana*, tudo se desenrola num registo épico que procura ressaltar a importância histórica de um lugar.

Entre as três sinfonias de maturidade de Mendelssohn, a *Sinfonia Escocesa* foi a única publicada durante a sua vida. Chamamos-lhe aqui uma sinfonia de maturidade porque, apesar de ter sido iniciada em 1829, só foi completada em janeiro de 1842, já na cidade de Berlim, e estreada no mês de março seguinte, em Leipzig. Por sinal, só o *Andante* inicial foi efetivamente esboçado na Escócia.

Tudo começou, portanto, naquele ano de 1829, quando no mês de abril o músico partiu de Berlim rumo a Inglaterra, iniciando um período de viagens suportadas financeiramente pela própria família e que se estendeu

durante cerca de três anos. Já em agosto, enquanto frequentava os salões mais ilustres da cidade de Londres, planeou com o seu amigo Karl Klingemann uma expedição a pé por terras da Escócia. A ideia era caminhar desde Edimburgo até à costa oeste, e depois atravessar de barco para a Ilha de Mull. Esta aventura veio a inspirar a célebre abertura orquestral *As Hébridas*. Mas foi ainda em Edimburgo que Mendelssohn se deixou impressionar pelas gaitas de foles e pela visita ao Palácio de Holyrood, onde reinou Maria Stuart, no século XVI. Foi diante daquelas ruínas que nasceu a ideia de compor uma sinfonia. Ao ouvi-la, percebe-se que terá sido esse capítulo da história escocesa o que inspirou a criação.

A melodia que se estende sem pressa na secção introdutória serve de referência para o estado de ânimo que predomina ao longo de quatro andamentos que, conforme determinação do próprio compositor, deverão ser interpretados sem interrupções. Tudo se constrói na tensão instalada entre sonoridades pastoris e alusões marciais, como numa narrativa indecifrável que parece dialogar com a história do monumento. Progressivamente, somos

conduzidos por cadências quase dançáveis. E se tivéssemos de associar uma pintura ao final deste primeiro andamento, sugeriríamos uma imensa tempestade.

Depois disso, já no andamento seguinte, tudo se apresenta mais desanuviado, muito embora frenético, nalguns instantes. Os motivos melódicos saltitam de instrumento em instrumento, permitindo imaginar um retrato de paisagens campestres escocesas no esplendor da primavera. Este é o único momento da sinfonia que permite conjeturar uma referência explícita à música tradicional da Escócia. É um ambiente bucólico que contrasta com o rigor da marcha lenta que preenche o terceiro andamento.

O andamento final é o mais complexo, e também aquele que consegue obter um efeito dramático mais impactante. Nele se confrontam os motivos soltos com a impetuosidade rítmica de um cenário bélico, desta vez mais contundente e sublinhada por uma orquestração carregada de tímpanos e metais. Tudo parece terminar em vitória, ao som de um hino que se repete várias vezes, com pompa e circunstância.

TEXTOS DE RUI CAMPOS LEITÃO





© David Rodrigues

NUNO INÁCIO FLAUTA

Nuno Inácio é, desde 2005, 1.º Flautista da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Terminou a Licenciatura na Escola Superior de Música de Lisboa (ESML), com classificação máxima, e foi, entre 1999 e 2001, discípulo de Trevor Wye, no seu Studio, em Inglaterra. Participou em inúmeras masterclasses em Portugal e no estrangeiro com os maiores flautistas da atualidade, tendo sido William Bennett, Trevor Wye e Vicens Prats, os professores que mais influenciaram a sua formação artística. Depois da Pós-Graduação em Inglaterra, obteve o grau de Mestre em Artes Musicais pela ESML/UNL, frequentando neste momento o Doutoramento em Artes Musicais. Nuno Inácio atuou a solo com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Sinfonietta de Lisboa, a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, a Orquestra da ESML e a Orquestra da Escola Profissional de Espinho. Foi, entre 1995 e 2003, 1.º Flautista da Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras. De 1996 a 2005 integrou a Orquestra Gulbenkian como músico convidado, exercendo com regularidade funções de 1.º Solista. Atua regularmente em duo com o pianista Paulo Pacheco e a harpista Carolina Coimbra. Colabora com o Moscow Piano Quartet e com o Ensemble D'Arcos. Efetuou inúmeros registos para a RTP e

RDP-Antena 2, desde 1999. Gravou várias vezes com a Sinfonietta de Lisboa e com o pianista Bernardo Sasseti. Foi protagonista em dois documentários da RTP2: «Sons da Música» e «Bravo».

Além de apresentações por todo o País, nos mais importantes festivais nacionais, apresentou-se em Itália, Alemanha, França, Espanha, Inglaterra e Dinamarca, em vários formatos de recital. Integrou o painel de solistas na 8.ª Convenção Internacional de Flauta da British Flute Society (Manchester), na Convenção Internacional de flautistas de Espanha (2015 e 2020) e na I e II Convenção Internacional da AFLAUP (Portugal), enquanto concertista e orientador de masterclasses. Em 2019, em colaboração com Ricardo Alves, publicou um artigo na Revista Britânica Pan sobre dislexia no ensino da flauta.

Entre os prémios que obteve destacam-se o 1.º Prémio no Concurso Internacional de Flauta L'U.F.A.M. (França), o 1.º Prémio no Concurso Prémios Jovens Músicos da RDP e o Prémio Maestro Silva Pereira, Semi-finalista no Concurso Carl Nielsen (Dinamarca) e o 1.º Prémio no Concurso de Improvisação Estilística na Convenção Internacional de Flauta (Inglaterra). Foi dedicatário de obras concebidas pelos compositores Eduardo Patriarca, Fernando Lobo e Sérgio Azevedo. Nuno Inácio é descrito como sendo «...um jovem flautista de ampla e colorida sonoridade, de excelente controle técnico e interessante musicalidade.» – in Jornal Público.

Integrou o júri em diversos Concursos de Flauta, Composição e Música de Câmara. Orientou masterclasses na Escola Superior de Música e Dança de Colónia (Alemanha), na Escola Superior de Música da Catalunha (ESMUC, Barcelona) na Convenção Internacional de Flautistas de Espanha, na Escola Superior de Música de Colónia, nos Cursos de Aperfeiçoamento Musical de Vila do Conde (2010-2016), na ESMAE, na ARTAVE, na Escola Profissional de Mirandela, na Escola Profissional da Covilhã, na Escola Profissional de Espinho, no Conservatório de Música do Porto, na Academia de Paredes, na Academia de Águeda, na Academia de St.ª Maria da Feira, no Conservatório de Minde e na Escola de Música de Montalvo e Sintra – Estúdio de Ópera. É, desde 1999, docente na Escola Superior de Música de Lisboa e, desde 2004, na Academia Nacional Superior de Orquestra.



PEDRO AMARAL MAESTRO

Pedro Amaral (Lisboa, 1972) iniciou os seus estudos em composição com Fernando Lopes Graça, em 1986. Graduou-se na Escola Superior de Música de Lisboa (1994) e no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris (1998). Ainda em Paris, concluiu um Mestrado e um Doutoramento em Musicologia Contemporânea na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (2003). Estudou direção de orquestra com Peter Eötvös e Emílio Pomarico. Em 2004 obteve o Prix de Rome. Professor da Universidade de Évora desde 2007 e Membro da Academia de Belas Artes desde 2017, Pedro Amaral é autor de diversas obras, entre as quais as óperas «O Sonho» (2010) e «Beaumarchais» (2017). Em cada temporada dirige numerosos concertos, em Portugal e no estrangeiro, com um repertório amplo do Classicismo à contemporaneidade. Destacou-se pelas suas interpretações das óperas de Mozart e das grandes sinfonias do romantismo germânico, de Beethoven a Bruckner e Brahms, bem como na sua prática do repertório contemporâneo, em particular das obras de Berio, Boulez e Stockhausen de quem foi assistente. Foi Maestro Titular da Orquestra do Conservatório Nacional (2007/08) e do Sond'Arte Electric Ensemble (2007/10), sendo atualmente Diretor Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa.

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Fundada em 1992, a Orquestra Metropolitana de Lisboa é um agrupamento de referência no panorama musical português e, em particular, no contexto cultural da cidade de Lisboa e da sua área envolvente.

Composta por 37 músicos permanentes, numa configuração instrumental “clássica”, a sua formação de base é regularmente modulada e alargada, permitindo à Orquestra Metropolitana de Lisboa uma abordagem sistemática de praticamente todo o repertório orquestral, de finais do século XVII à contemporaneidade.

Desde o outono de 2013, as Temporadas de Música da Metropolitana organizam-se numa tripla ancoragem em três salas principais, três zonas da cidade de Lisboa e três eixos de programação. No Museu Nacional de Arte Antiga, às Janelas Verdes, tem lugar a Temporada Barroca da Metropolitana, assente numa abordagem historicamente informada do repertório barroco. No Teatro Thalia, às Laranjeiras, tem lugar a Temporada Clássica, centrada na formação instrumental de base da Orquestra. No Centro Cultural de Belém tem lugar a Temporada Sinfónica, na qual a Orquestra se apresenta em formação alargada, abordando páginas de mais ampla configuração orquestral.

Nestas últimas, em particular, juntam-se à Orquestra Metropolitana de Lisboa alunos dos estágios mais avançados da Academia Nacional Superior de Orquestra, sublinhando a dimensão pedagógica que,

lado a lado com a missão artística, marca o ambicioso projeto da AMEC / Metropolitana – *Uma Orquestra e Três Escolas*. Num círculo virtuoso entre pedagogia e arte, muitos músicos da Orquestra são simultaneamente professores da Academia, estimulando um progressivo envolvimento dos alunos na programação e uma passagem gradual entre a formação e o desempenho profissional. Dos atuais membros permanentes da Orquestra Metropolitana de Lisboa, todos eles selecionados através de concursos internacionais, um terço é constituído por músicos formados nas escolas da AMEC / Metropolitana, o que confere à Orquestra uma consistência técnica de particular coerência.

À programação orquestral acresce a dos Solistas da Metropolitana, para a qual a orquestra se desdobra numa miríade de agrupamentos de câmara, de configurações múltiplas e em geometrias variáveis, atuando em dezenas de palcos, levando a melhor música de câmara não apenas a inúmeros espaços de Lisboa e municípios associados, mas também aos quatro cantos do país, cumprindo uma missão ímpar de descentralização da cultura musical.

Ao longo da sua história, a Orquestra Metropolitana de Lisboa realizou diversas digressões internacionais, da Europa ao Extremo Oriente, destacando-se desde 2018 atuações regulares em Espanha no quadro da parceria entre a AMEC / Metropolitana e o Coro e Orquestra da Rádio e Televisão Espanhola (RTVE).

De entre as inúmeras gravações realizadas pela Orquestra Metropolitana

de Lisboa destacam-se, nos últimos anos, edições monográficas – como a dedicada à música de câmara de Fernando Lopes Graça (edição conjunta da AMEC / Metropolitana e da Sociedade Portuguesa de Autores) – e edições que colocam lado a lado obras orquestrais portuguesas e páginas de referência do repertório sinfónico internacional – Beethoven, Brahms, Dvořák, Bartók e Prokofiev, entre outros.

De entre os artistas que colaboram com a Orquestra Metropolitana de Lisboa destacam-se maestros como Pablo Heras-Casado, Kristjan Järvi, Eivind Gullberg Jensen, Michael Zilm, Emilio Pomarico, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Enrico Onofri, Nicholas Kraemer, Leonardo García Alarcón, Alfredo Bernardini, Hans-Christoph Rademann, Beat Furrer, Magnus Lindberg, Joana Carneiro, Pedro Amaral, Pedro Neves, e solistas como Monserrat Caballé, Kiri Te Kanawa, José Carreras, Felicity Lott, Elisabete Matos, Leon Fleisher, Maria João Pires, Artur Pizarro, Sequeira Costa, António Rosado, Jorge Moyano, Filipe Pinto-Ribeiro, Marcos Magalhães, Aapo Häkkinen, Natalia Gutman, Adrian Brendel, Sayaka Shoji, Gerardo Ribeiro, Corey Cerovsek, Anabela Chaves, António Menezes, Sol Gabetta, Michel Portal, Marlis Petersen, Dietrich Henschel e Mark Padmore, entre muitos outros.

Nomeado em 2013, Pedro Amaral desempenha a dupla função de Diretor Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa.



FLAUTAS
JANETE SANTOS
MARINA CAMPONÉS ¹

OBOÉS
SALLY DEAN
ALICE CAPLOW-SPARKS ¹

CLARINETES
NUNO SILVA
JORGE CAMACHO

FAGOTES
LURDES CARNEIRO
RAFAELA OLIVEIRA

TROMPAS
DANIEL CANAS
JÉRÔME ARNOUF
JAIME RESENDE ¹
FILIPE MOUTINHO ¹

TROMPETES
SÉRGIO CHARRINHO
JOÃO MOREIRA

TÍMPANOS
FERNANDO LLOPIS

PERCUSSÃO
AGOSTINHO SEQUEIRA ¹

1.ºS VIOLINOS
ANA PEREIRA *Concertino*
JOANA DIAS
ALEXÉI TOLPYGO
CARLOS DAMAS
DIANA TZONKOVA
ANA FILIPA SERRÃO ¹
MARCELO CALDEIRA ¹
SOFIA LEONG ¹

2.ºS VIOLINOS
JOSÉ PEREIRA
NONNA MANICHEVA
ANZHELA AKOPYAN
DANIELA RADU
JUAN MAGGIORANI ¹
LYZA VALDMAN ¹

VIOLAS
JOANA CIPRIANO
IRMA SKENDERI
ANDREI RATNIKOV
SANTIAGO MEDINA ¹
VALENTIN PETROV

VIOLONCELOS
NUNO ABREU
ANA CLÁUDIA SERRÃO
JIAN HONG
JOÃO MATOS ¹

CONTRABAIXOS
VLADIMIR KOUZNETSOV
ERCOLE DE CONCA

METROPOLITANA

DIRETOR EXECUTIVO Miguel Honrado
DIRETOR ARTÍSTICO Pedro Amaral

FUNDADORES



Presidência do Conselho de Ministros - Ministro da Cultura
Ministério da Educação
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo / Turismo de Portugal, IP
Secretário de Estado da Juventude e do Desporto



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS EM 2020

Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



PARCEIRO DO PROGRAMA "MÚSICA E CIÊNCIA"



PATROCINADOR PRINCIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



PARCERIAS

Antena 2 | São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa | Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva
Secretaria-Geral da Educação | Fundação Oriente | Academia das Ciências

www.metropolitana.pt facebook.com/metropolitanalx | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela organização. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

PRÓXIMOS CONCERTOS

MAHLER: QUARTA SINFONIA CONCERTO INAUGURAL DA TEMPORADA 2020/2021

DOMINGO 20 SETEMBRO - 17H00
GRANDE AUDITÓRIO DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
ANNE SCHWANEWILMS SOPRANO
PEDRO AMARAL MAESTRO

Peter Eötvös (*) *Diálogo com Mozart*
Gustav Mahler Sinfonia N.º 4

(*) Artista Associado da Temporada de Música da Metropolitana 2020/2021

BILHETES À VENDA (CCB) Preço: 5€ a 23€
Na bilheteira do CCB / Todos os dias - 11h00 > 20h00

INTEGRAL DOS CONCERTOS PARA PIANO DE BEETHOVEN

QUARTA 30 SETEMBRO - 21H00 / QUINTA 1 OUTUBRO - 21H00 [Dia Mundial da Música]
DOMINGO 4 OUTUBRO - 17H00
FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI, SETÚBAL
QUARTA 7 OUTUBRO - 21H00 / SEXTA 9 OUTUBRO - 21H00
DOMINGO 11 OUTUBRO - 17H30
SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
ANTÓNIO ROSADO * PIANO
PEDRO AMARAL MAESTRO

(*) Artista Associado da Temporada de Música da Metropolitana 2020/2021

Obras de Ludwig van Beethoven

BILHETES À VENDA

São Luiz Teatro Municipal: Todos os dias das 13h às 20h / Fórum Luísa Todi: Reservas / Info: 265 522 127